

MILONGAS

Paulo Timm –

A TAVOLA DO AMOR

À Artur da Tavola, que me inspirou
nesta tentativa de *re-escrita* poética de seu Ensaio “ Enigma sobre o
Amor “.

Vida :

pulsão , harmonia e impasse

entre sistemas internos e externos em conflito.

O eu , o outro, os outros.

O que já foi e o que virá.

Coração, mentes, corpos, todos ardentes,

Suplicantes,

Lá fora o outro,os outros

Como ordem estabelecida com sua espada cortante

Despiciente

Marcando os espaços e os tempos.

A lei dos homens impondo-se sobre a lei da natureza

Antígona em prantos.

O Amor com os olhos vazados implorando compreensão.

Só a loucura o acompanha

Na vastidão do segundo con-jugado como plenitude.

Precários amantes para tamanho amor.

suplício e enigma, .

dolorosa tarefa de entregar-se a um amor

e ter que abandonar tantos outros.

Pois que entregar-se a um amor é abandonar outros.

Tantos amores dentro de um só e tamanho amor.

Tantos pedaços opostos,

incorporando dificuldades,

vivenciando a eterna imperfeição de tudo

Quanto sofrimento...!

nessa estranha divisão da alma

A procura da nitidez,

de encaixes perfeitos,

de caminhos retos,

Quando só existem situações provisórias e incertas,

Viveres sinuosos ,

pedaços de retidão,

estranhamentos

Precários seres ardentes de desejo no leito de Procusto do Amor

o amor é total, pleno,

mas a vida de quem ama é feita de pedaços,

de renúncias ,

de arrependimentos, de impossibilidades ou carências.

Eis o ENIGMA: viver simplesmente o amor como um caudaloso rio sem causa

Mas isto exige um trabalho interior penoso

Grandeza e elevação espiritual,

Equilíbrio,

Esforço de se conhecer a si mesmo.

Identificar-se

Para poder impregnar-se profundamente do outro sem o risco de perder a identidade

Antes aprofundando-a,

Como na santidade.

Paradoxo do nossos tempos:

a vida coletiviza-se

mas o ser humano se redescobre em si mesmo

no seu inconsciente e com a própria sombra.

O mundo caminha inexoravelmente para o autismo

Limite máximo do individualismo.

Só amor o redime,

No equilíbrio da relação amorosa

Não como subjugação

Mas conjugando um novo ser

Quem ama, é amando!

Em todos os tempos e pessoas,

Com o máximo de tensão na balança do “nós”.

Eis o cônjuge.

O “tu” é a oportunidade concreta de realizar a parte “nós”

sem perda da parte “eu”.

é a possibilidade de concretizar as melhores disposições do “eu”

e as mais legítimas disposições sociais do “nós”

é a descoberta e a percepção do outro.

Para quem a gente nunca será mesmo a gente,

Mas uma sombra da gente, sempre um outro,

Daí a inutilidade de se exigir o entendimento da gente

Um é um. O outro , outro. Mesmo quando um é o outro...

Mas assim é o amor: uma aflita procura do já encontrado.

O que sempre se soube que aconteceria.

E que misteriosamente se sabe quando é...

Estar amando é viver em público ,
Entre suspiros ,
-Sua melhor leitura-
O melhor de que se é capaz.
Entre fluídos de fracasso e ódios que o advertem.
E com o amor... a paz
Um estar com alguém sem medo,
sem culpa,
sem pena,
sem maiores explicações que o feito
apenas o ficar ali. Parado.
Em paz...
A paz. Esta rainha das sensações,
Nutrida na solidão, silêncio e entrega.
A paz que não se tem quando se ama.
Se é por ela inteiramente tomado,
deusa, força absoluta, exigente e casta
elevando-nos sobre ao eu externo,
ante-sala de qualquer contato maior e transcendente.
A paz é a única medida do amor.

Por ela, ele se define e transluz.

É nos dá a trégua que nos conduz até o fim da pessoa amada rapidamente,

ultrapassando peculiaridades, maneiras de ser e comportamentos.

O começo pelo fim,

Vindo o meio sempre depois com as suas insuperáveis leis.

O amor tem que correr muito rápido, chegar ao auge para re-viver os refluxos

Quando deixa de ser muito bom para ser mútuo bom...

O itinerário de Eros à Pasárgada...

Sensualidade,

Afetividade,

Segurança,

Roteiro e fundamento do amor.

Atração fugaz confundindo-se com a necessidade

Carinho confundindo-se com carícia,

Sentimento de posse selando o novo pacto.

Num primeiro momento pré- cisamos de tudo, menos de tempo.

Ele voa com o desejo.

A voragem faz parecer amor o que é apenas troca de necessidades.

Mas quando amor existe,

Ele é aquém e além da sede de quem o procura

A necessidade também bebe na fonte do amor.

Porém não é fonte. Logo amor não é.

A necessidade de sentir amor e de sentir-se amado confunde-se com o amor

e em seu nome é muitas vezes exercida.

Mas Amor é o que, mitigado, não desaparece, aumenta.

O amor pré-existe, post-existe, sub-existe e sobre-existe às vicissitudes

Não se sabe bem quando é necessidade,

porém

quando é amor sabe-se sempre.

E ele exige algum tempo para se estabelecer.

Rumo a uma etapa mais complexa: a manutenção

Impondo novos desafios à sua verdadeira construção

A pactuação de lealdades,

O compromisso ao cumpri-las,

Um ancoradouro de almas

Fazendo do amor mais do que um mero jogo de palavras.

Quem muito fala do amor dele pouco entende

Porque ele é sobretudo gesta,

Compromisso.

Lealdade.

Renúncia.

Opção , enfim.

Cronos é antecessor de Eros

Mas mesmo vencido por este ,

o condiciona e supera num processo de mútuo devotamente e fecundação.

Quem escolhe é que ama primeiro.

O escolhido nem sempre ama

Mas em realidade ou fantasia viverá o amor como esperança

até mesmo quando tenha a funda convicção de que ele não existe.

O enigma proposto é: decidir além da carência.

Mas só decide quem não ama o Amor Total. Quem ama sabe...

Decidir é mais fácil do que saber...

É ideológico, além de psicológico. Racional

Saber é sabor. É experimento. Sensação

Nunca se deveria chegar à decisão porque razão se tem.

Até porque ter razão é um perigo:

em geral enfeia um amor,

é invocado com justiça, mas quase sempre na hora errada.

Amar bonito é saber a hora de ter razão.

E é saber ter razão.

Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto.

Mesmo nos refluxos da incompatibilidade.

As pessoas se unem por mil razões,

até por amor.

Raramente pela felicidade do par.

Mas para conjugar o verbo amar é preciso conjugar o verbo ser.

Quem é , pode ser amando.

Sem precisar do outro como identificação.

Sem subjugação ou dependências

O amor é um exercício de felicidade, não de poder.

A forma amorosa de viver o amor - principalmente o amor maduro- é uma sabedoria,

arte até,

de muito poucos e raros protagonistas:

consiste em fazer feliz a quem se ama.

É tarefa muito mais difícil que a de amar.

É maturidade no amor. Quando saber amar se aprende.

O amor maduro não é menor em intensidade.

Ele é apenas quase silencioso.

Como a inocência vestida de azul para seu baile de debutante.

Não exige presenças de enfeite: amplia-se com as ausências
significantes

O amor maduro não disputa,

não cobra,

pouco pergunta,

muito menos quer saber

Teme, sim. (Mas só teme o que cansa, machuca ou desgasta)

Mas não faz do amor argumento.

Basta-se com a própria existência.

Ele não pede, tem.

Não reivindica, consegue.

Não persegue, recebe.

Não exige, dá.

Não pergunta, adivinha.

Existe para fazer feliz.

Basta-se com o todo do pouco.

Não precisa nem quer nada do muito.

É a forma sublime de ser adulto.

A inocência sem enigmas. Nem mentiras.

É a face clara e imediata do amor.

A verdadeira maturidade é inocente.

Somos no mundo do Amor como paralelas encantadas...

Caminhando junto sem jamais des-encontrar

Mas quem ama também desama. E desanima.

Incompatibilidades, problemas, o impasse.

Mas os seus problemas não são Você.

Estão com você.

O ser profundo (a individualidade) oculta-se sob a couraça do que aparenta

Numa defesa artificial edificada para enfrentar “os outros”, o “outro”.

Pessoas e seus problemas também andam juntos

Mas se encontram como se uma só fosse

Na síntese reivindicante de direitos e exigências.

Que nem sempre a pessoa amada satisfaz.

Na hora do amor o impasse:

Você é bom para mim porém não é bom para meus problemas.

Só que o amor não foi inventado para resolver problemas

Ele existe e é isto apenas. Como a realidade. Como o sonho.

E como na vida até acaba resolvendo muitos problemas

A união faz a força.

E a união no amor é esta força em movimento intenso.

Complementa necessidades aparentemente essenciais

aplaça suas dores,

mágoas,

ou carências.

Confundindo até a natureza da relação amorosa

Impedindo o verdadeiro amor de vir à tona.

Pois que o amor se sabe mais no silêncio e na dúvida do que na certeza.

É hora então pôr o amor à prova

Elevando-o à sabedoria de amar.

Sabe amar quem sabe o outro, sem deixar de ser quem é.

Saber amar é conhecer o amor como forma de arte.

É uma criação, uma visão estética do amor

Saber amar implica conhecer uma porção de coisas que o amor não sabe:

esperar, deixar fluir,

não invadir as dúvidas do outro,

nem abafar as suas angústias

Quem ama desama junto

.Quem sabe amar suporta esse desamor passageiro.

Quem ama tolera ser maltratado.

È cego e inocente.

Quem sabe amar jamais...!

O saber amar tem amor-próprio, bom senso, os olhos abertos.

Dá tempo ao tempo. Espaço ao espaço.

é capaz de maldades maiores.

Mas quando desliga é para sempre.

Cuidado com quem ama!

Mas cuidado muito maior com quem sabe amar!

Quem perde um amor perde menos do que quem perde alguém que sabe amar.

Amar quase sempre atrapalha a sabedoria do amor.

O amor não vê. Só sente.

Chega a ser uma dor que se sente sem doer.

Rói os ossos, os sentidos, os olhos de quem ama

Por isso isso é levado pela Loucura ao abismo do desespero.

Quem ama não desiste nunca. É possuído pelo amor

Saber amar é outra coisa.

É não depender ainda que dependendo

Não ser servil, embora servindo

Não viver agradando mesmo quando agrada

Não fazer o que o outro quer., ainda que o faça

Saber amar é ter as reações certas, de compreensão e crítica

É ser um espelho que locuta sem ferir os olhos da alma,
é ocupar todo o seu lugar com muito jeito no coração do outro.
Saber amar é até saber desistir.

Já receber o amor é como saber gastar.

Arte também. Para poucos...

Nem todos que amam, ou sabem amar, aprendem a receber o Amor.

Confundem-se nesta maranha de sentimentos

Acreditam que basta amar.

Mas amar é também, além do dar e do saber amar, que é sua maturidade,

O receber o amor.

Saber receber como arte de amar.

Aqui um grande desafio :

Como modelar este afeto oferecido

Fazendo dele o mais importante que se tem?

Bastando-se este real em vez de chorar o impossível.

Fazendo-o cada vez maior e mais satisfeito.

Só ama grande quem é grande

Só é amando quem primeiro é

Realizando-se no silêncio da solidão

Para completar-se na vastidão do amor.

Mas quando o amor se vai? Termina. Acaba-se.

Como dói!

Mas por que a dor?

O que dói num amor que termina?

Certamente não o feito.

Nesse sentido é até um alívio!

O que dói é o fracasso do que poderia ter sido

do que foi acreditado,

sonhado,

imaginado junto.

São os cacos do que, mal ou bem, foi construído em comum.

É a contemplação da morte

A morte em nós mesmos

e no outro que já não existe...

Porque nada mais existe.

Foi-se com a esperança de ter sido.

Talvez a única justificável da existência humana.

A espera do Amor...

Paulo Timm- Olhos d'Água, maio de 2008 – Neste dia faleceu Artuhur da Távola

IT TAKES THREE TO TANGO

À amiga Norma Espíndola

I

Para dançar um tango,
Seja o ancestral canyengue, a milonga, ou o espetáculo fantasia,
Seja o arrastado *pugliese*, o romântico Di Sarli,
Com forte ou fraca marcação,
Há que tomá-lo como um passo decisivo.
uma atitude, um gesto.
Sabê-lo como o quê virá a seguir
E o quê ficou para trás.
Algo único, exclusivo, eterno, um *terno*,
Como uma grande paixão, um êxtase ,sublime *momentum*,
Aquele do existir,
Entre o entardecer e a madrugada,
Só o desejo como guia
Nos circunvoluções contra os ponteiros do relógio,
Como a parar o tempo,
Como a suspender a vida sobre as pernas.
Porque o tango é pernas.
Pernas longas e entrelaçadas para chegar ao âmago das coisas
Deixando a respiração por conta dos foles...
E há o requisito da elegância.
A elegância como escolha,
Pois dançar um tango é uma escolha de vida,
de modos de andar , de vestir, de olhar com firmeza
Pois não há tango sem gravata, sem chapéu, sem aura,
Até mesmo um pouco de bravata,
Como não há tango sem saltos altos,
Com altos recortes em *pilchas* oblongas e acinturadas.
Mas , sobretudo, não há tango sem entrelinhas,
Aqueles gestos medidos pelos códigos subentendidos:
Um “cabezeio”, um pé feminino avançado na contra-dança,
E sempre levar a dama à mesa, sem nunca deixá-la ao desamparo.

II

Dançar um tango
Pode significar tudo, pode significar nada, nunca a indiferença.
Pode ser a felicidade num segundo,
A eternidade como "*recuerdo*".
Pode ser a maldição do deserdado,
Pode-se perder a mulher amada
Por ter entrado na zona das sombras escorregadias
Da arte de pequenos grupos
Reunidos à *media luz* entre murmúrios e rolos siderais de fumaça.
A multidão reduzida à solidão de um casal
À procura de um hotel, um bordel, uma guitarra...
Será sempre uma experiência que não se aprende
Certos de que , se nos entendermos bem na pista,
Nos entenderemos também na vida .
Porque o tango é tensão, é tesão, é pretensão, com muito respeito;
O respeito aos códigos que nem se dizem, nem se escrevem,
Mas sobrevivem aos solavancos da modernidade:.
O respeito à desconhecida no meio da noite,
O respeito à explosão de sensações que seu tema evoca,
O respeito a um ritual que organiza corações e mentes de uma nação.
Sim, porque se o tango é imoral, como a humana alma,
Ele também é lei - e *maula*
Que se compõe, dispõe e se impõe...

III

E há que entendê-lo sempre como uma trindade mística
A música, a dança , a canção,
A melodia, o ritmo, a harmonia,
O homem, a mulher, o *outro- a outra*,
Porque se o tango é austero,
É também sensual e passional.
Para ele inventou Deus o espanhol como sua língua preferida
E dele fez seu melhor intérprete.
Ele é passo, espaço, compasso,
Paixão, compaixão, traição.
O tango é orquestra, é tema, é o par dançando
Como se fosse um só.
Dois seres imersos em infinitas sensações.
Porque só, em comunhão das suas artes
e de suas partes o tango existe.
Ali : local, nacional, universal
Pulsando na alma argentina como um ícone estendido no tempo.
Insinuante, loquaz, impertinente,
\Perfume de mulher, charme, encanto,
Inverno rigoroso , um navio partindo corações.
Verão auspicioso no Avellaneda.
Primaveras de sucessivas expectativas ao longo do Século XX
Porque se o tango é ousadia, malícia e coreografia,
É também esperança...

IV

Ela está nos seus silêncios cadenciados,
Como pausas da existência diante do incerto,
Pois o tango é como o vento.
Alma enregelada do Prata sibilando nas esquinas,
Uma espécie de pensamento em forma de musica.
Que vem em lufadas, *lunfardos*, dialetos,
Só compreensíveis pelos *milongueros* profissionais;
Gardel, primeiro deles, a tragédia dentro do trágico,
A morte prematura nos ares queridos de “Mi Buenos Aires”,
No llores por mi Argentina!
Todos girando em círculos galáticos,
Tão naturais quanto às vaporosas borboletas
No quintal da diletta infância.
È como estar em casa,
Pé fincado na soleira da porta,
E ao mesmo tempo estar flutuando entre as estrelas.
E se uma delas cai, imagem desfeita,
É desejo satisfeito :
Basta um ligeiro toque na cintura, joelhos de leve se tocando,
E lhe há de convir um oportuno beijo.
O par perfeito, “*las locas de Mayo* ” reconciliadas com seus filhos,
A democracia rarefeita recuperada.

V

Mas como se dança um tango?
Da mesma maneira como se começa a vida:
Apaixonando-se.
Começando por onde falece a razão
Para dar azo à sensibilidade humana.
E há que se desnudar o espírito,
Entregar o corpo ,
E abraçar com fervor o que nos enlaça.
Por que no tango as mulheres falam
E se talham como um “soy” , quando a palavra falha
Para dar lugar a música.
E a emoção começa a crescer pela palma das mãos apertadas,
Para escorregar pelos corpos colados, pernas enleadas,
Um fremito estreito por todo o corpo
Serpenteando-se no vai-e-vém incessante da criação.
O tango dá, o tango pede, o tango até exige
Tudo mesclado numa entrega total, voraz,
Porque o tango é devorador, violento,
Mas cultua a liberdade,
Como o pilar ético de sua estética imorredoura.
Para isso subordina-se à improvisação.]
É sempre a escolha dos movimentos, dos passos, das *paraditas*.
Para o tango não há regras, ele faz suas regras ao dançar.
Glamorosa iluminura que se imprime como peixe na pedra,
Entre os suspiros dos bandoneons
e as promessas desencontradas de amantes ardentes.

Paulo TIMM – Olhos d Água – abril 2007

